

ESPORTES E JOGOS PARA CRIANÇAS COM TEA E SÍNDROME DE DOWN: UMA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA DA FEF – UNICAMP

Mariana de Carvalho

Faculdade de Educação Física - FEF, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

Pablo Henrique Carneiro de Matos Viana

Faculdade de Educação Física - FEF, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

Vívian Santos Xavier Silva

Faculdade de Educação Física - FEF, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

Beatriz Cuppi Machado

Faculdade de Educação Física - FEF, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

Pedro André da Silva Lins

Faculdade de Educação Física - FEF, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

Maria Luiza Tanure Alves

Faculdade de Educação Física - FEF, Universidade Estadual de Campinas - Unicamp

RESUMO

Este relato de experiência apresenta o projeto de extensão universitária “Esportes e Jogos para crianças com TEA e Síndrome de Down”, desenvolvido na Faculdade de Educação Física da Unicamp entre 2022 e 2023. O projeto teve como objetivo promover vivências motoras, sociais e lúdicas em um ambiente seguro e inclusivo para crianças e adolescentes com Transtorno do Espectro Autista e Síndrome de Down, articulando ensino, pesquisa e extensão. As atividades foram organizadas em etapas e planejadas de forma individualizada, considerando as necessidades e interesses dos alunos, com reuniões semanais da equipe docente para avaliação e planejamento, incluindo o uso de pictogramas como estratégia pedagógica. Ao longo dos quatro semestres, ocorreram adaptações no público atendido e na carga horária. Os resultados observados indicaram avanços significativos na coordenação motora, equilíbrio, força, comunicação e socialização dos alunos, além de contribuições formativas aos monitores.

Palavras-chave: Educação Física Adaptada; Transtorno do Espectro Autista; Inclusão.

1 INTRODUÇÃO

O TEA (Transtorno do Espectro Autista) pode ser caracterizado por alterações do neurodesenvolvimento, com algumas modificações nas habilidades sociais, de comunicação e comportamentais (DSM - 5, 2014). Por sua vez, a Síndrome de Down é compreendida como uma alteração genética, especificamente, a trissomia no cromossomo 21, que leva o indivíduo a apresentar determinadas características fenotípicas e ainda pode estar associada à deficiência intelectual (ANTONARAKIS et al., 2020).

As atividades físicas no cotidiano de crianças com deficiência podem trazer diversos benefícios e, a escola pode ser vista como o melhor lugar para trabalhar com a atividade física durante a infância, pois as aulas de educação física se relacionam com a psicopedagogia e trabalham no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, modificando o seu desenvolvimento cognitivo (CHICON, 2005). Entretanto, estudos retratam que a escola ainda não é um ambiente inclusivo para todos os alunos, principalmente quando falamos daqueles com deficiência, que nas aulas de educação física relatam sentimento de exclusão (ALVES; DUARTE, 2013; ALVES; DUARTE, 2019).

Este trabalho pretende apresentar o projeto de extensão universitária “Esportes e Jogos para crianças com TEA e Síndrome de Down”, desenvolvido na Faculdade de Educação Física (FEF), da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. O projeto iniciou em março de 2022, perdurando até novembro de 2023, sendo estruturado ao longo de quatro semestres, com aulas ministradas por alunos de graduação da FEF, coordenadas pela professora Maria Luiza Tanure Alves.

As aulas dessa extensão tinham como objetivo proporcionar um ambiente seguro e inclusivo para os alunos com TEA, para que eles vivenciassem os benefícios da atividade física de maneira efetiva fora da escola, sem foco exclusivo nas habilidades motoras, ou com turmas excludentes, que geralmente é o caso das aulas regulares (ALVES, DUARTE; 2019).

2 EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA: ESPORTES E JOGOS PARA CRIANÇAS COM TEA E SÍNDROME DE DOWN

No início do projeto, as aulas tinham duração de 4 horas semanais, sendo elas às quartas-feiras, e destinadas a crianças e adolescentes com TEA nível 1 de suporte. A escolha se deu devido a muitos alunos de graduação, que eram também os monitores da extensão, não terem realizado nenhuma disciplina sobre educação física adaptada, ou contato com pessoas com

TEA, nem tampouco compreendiam suas particularidades. Por isso, ao longo do ano de 2022, a professora trouxe para as reuniões conteúdos recentes sobre o tema, com o objetivo de conhecermos mais sobre o assunto, podendo expandir a extensão para um maior alcance de crianças e adolescentes, com diferentes níveis de suporte.

Semanalmente os monitores se reuniam com a professora após as aulas, em encontros de mais de 2 horas para conversar sobre a execução das aulas, opiniões dos professores e alunos, além de percepções sobre impactos na coordenação motora, equilíbrio e outros benefícios físico-motores de cada aluno. Nessas reuniões, era feito o planejamento para a próxima aula, com divisão em pequenos grupos, cada um deles responsável pela elaboração e execução das aulas de cada aluno.

A partir do segundo semestre de 2022, houve a expansão para atender crianças e adolescentes com Síndrome de Down e outros níveis de TEA. As aulas passaram a ter duração de 1 hora semanal e, a partir daí, grupos de monitores eram formados especificamente para cada aluno atendido, no intuito de promover o aumento da funcionalidade e de melhora nas habilidades motoras de forma individualizada.

2.1 Planejamento de aulas

No início as atividades a serem desenvolvidas eram divididas em quatro etapas principais: lutas, jogos e brincadeiras, intervalo com lanche e dança. Esta divisão foi feita considerando os princípios da cultura corporal trazida pelo coletivo de autores, que identifica que a Educação Física é dividida nas seguintes áreas: jogo, esporte, ginástica e dança (CASTELLANI FILHO et al., 2014). A escolha também se deu pelas especialidades dos monitores presentes - dos quais a maioria sendo alunos de graduação e alguns estudantes da pós-graduação também atuavam nessa extensão - trazendo experiências e liderança nas atividades e troca de conhecimentos importantes para a formação profissional voltada para atuação com pessoas com deficiência.

Ao longo do projeto trabalhamos com uma média de 4 monitores para cada aluno, tendo algumas variações ao longo dos semestres, sendo possível direcionar os monitores para alguma especialidade de seu interesse. No primeiro momento, por exemplo, os monitores das lutas já eram professores de Jiu-jitsu e a estudante da pós que era especializada em balé de cegas ficou responsável pelas danças e, assim, os outros alunos buscavam seus interesses no projeto.

De modo geral, as aulas eram pensadas e estruturadas com base nas principais demandas de cada aluno, naquilo que eles mais necessitavam segundo a avaliação dos monitores e da professora. A organização das atividades priorizava o desenvolvimento das capacidades físicas e, simultaneamente, habilidades que fossem consideradas funcionais para o cotidiano de cada participante, atentando às suas individualidades e o que poderia auxiliá-los em sua rotina.

O planejamento das aulas se dava por meio de reuniões entre monitores e a professora envolvidos no projeto. Em primeiro momento, realizava-se um feedback detalhado da aula anterior, onde era discutido se as atividades escolhidas haviam sido adequadas ou não para os alunos; esse processo incluía uma análise aprofundada de cada caso ou situação. Em seguida, havia um momento de diálogo sobre os aspectos que deveriam ser enfatizados para cada aluno, sendo definidos objetivos específicos e eventuais melhorias, considerando as demandas individuais. Por fim, com base nesses objetivos, era elaborada a aula seguinte, na qual estavam incluídos: objetivos de aprendizagem, espaço e materiais a serem utilizados, além dos métodos a partir dos quais se desenvolveriam as atividades.

Para otimizar a organização do processo de ensino, foi criado um sistema de cartões visuais com as atividades a serem desenvolvidas em cada aula, facilitando a visualização dos objetivos, conteúdos e metodologias. Também foram desenvolvidos pictogramas personalizados, representando visualmente as atividades propostas.

Houve algumas adaptações e mudanças ao longo dos semestres do projeto, como alterações nos horários das aulas, nos dias da semana e nos espaços utilizados. Como exemplo, em determinado momento, em reunião entre monitores e coordenadora, decidiu-se que seria mantida a mesma aula ao longo de todo o mês, buscando identificar as conquistas dos alunos acerca de determinada atividade. Com a diminuição no horário das aulas, o planejamento se manteve o mesmo com reuniões semanais, geralmente após as aulas, para discussões e organização da próxima aula, trazendo os feedbacks dos alunos e dos monitores sobre aquela aula específica.

2.2 Desenvolvimento das aulas

As aulas eram realizadas nas dependências da FEF e organizadas em quatro etapas, onde cada etapa acontecia em um ambiente específico, sendo: lutas (tatame); jogos e brincadeiras (quadras externas e bosquinho); lanche (área livre) e dança (sala de dança).

Na etapa das lutas, as aulas foram planejadas a partir de jogos de oposição, utilizando brincadeiras e dinâmicas que exploravam princípios das lutas de curta, média e longa distância (GOMES et al., 2010). Essa abordagem permitia que os alunos vivenciassem, de forma lúdica, elementos fundamentais das lutas, sendo os de curta distância, desequilibrar, rolar, projetar, cair, controlar e excluir; de média distância, tocar e golpear com mãos, braços, cotovelos, pernas, joelhos e pés; e de longa distância, tocar por meio de um implemento e manipular implementos (GOMES et al., 2010). Dessa forma, o aprendizado ocorria de maneira natural, favorecendo a compreensão dos princípios de cada distância através de conceitos de oposição e cooperação, essenciais para a prática das lutas.

Na etapa “Jogos e brincadeiras”, eram realizadas atividades diversas, desde caminhadas pela FEF ou pelo bosque, até brincadeiras nas quadras externas, como batata quente, boliche, escravos de Jó e amarelinha.

No momento do lanche, os monitores e alunos costumavam sentar-se sobre uma toalha para descansar e consumir os alimentos oferecidos pelo projeto. Com as aulas de quatro horas de duração, esse momento era pensado como um intervalo de descanso e recuperação.

Por fim, ocorria o último momento da aula: a dança. Nessa etapa, os conteúdos de dança eram trabalhados a partir de jogos rítmicos e de expressão corporal. Assim, conceitos como contagem de tempo, exploração de movimentos corporais e níveis de espaço (baixo, médio e alto) eram trazidos de maneira lúdica, semelhante às atividades de lutas.

Com a mudança da estrutura das aulas, e diminuição do tempo, o projeto se modificou para ser específico de esportes e jogos, que também mantiveram a proposta de individualidade e foco nos interesses de cada aluno. A partir daí, passou-se a utilizar exclusivamente o espaço do ginásio para as aulas. O ambiente era organizado em setores delimitados, de modo que cada grupo responsável por um aluno dispunha de uma área específica para o desenvolvimento das atividades do dia. As atividades poderiam envolver a prática de um esporte em particular, ou diferentes brincadeiras e atividades lúdicas, a depender do aluno, de suas preferências e especificidades.

2.3 Pictogramas

Os pictogramas são ferramentas fundamentais para a comunicação com os alunos, em especial aqueles com TEA, pois indicam uma previsibilidade inicial. Trata-se de elementos que fazem parte de signos gráficos da comunicação com função sócio prática, ou seja, auxiliam na ambientação indicando ações a serem realizadas, informação sobre segurança e etc. (RANOYA

et al., 2012). As figuras são coloridas e apresentadas de diferentes formas, sendo interativa e tendo o papel de figura-tipo que auxiliam na comunicação por representar coisas sensíveis do cotidiano, ou seja, o que é conhecido (RANOYA et al., 2012).

Para o projeto de extensão, inicialmente foram selecionadas as ideias e objetivos das aulas, para uma variedade de situações, que posteriormente foram representadas nos pictogramas. Criou-se um acervo de imagens, com diversas ações (ir ao banheiro, tomar água, subir escadas etc.) e materiais que faziam parte das aulas (corda, bola, bexiga). As imagens foram escolhidas de forma padronizada sendo possível pegar várias imagens de um mesmo personagem, com mesma roupa e cabelo. Muitas imagens foram coletadas em site específico de pictogramas para a melhor padronização, porém algumas ações não tinham pictogramas existentes, e precisaram ser confeccionadas a partir de imagens da internet com algumas edições.

Após selecionar as imagens, a frase ou nome da ação era escrita por extenso na parte inferior da figura. Foi feita a impressão, recorte, plastificação e colagem de velcro em cada cartãozinho, conforme observado na figura 1.

Figura 1 - Exemplos de pictogramas confeccionados para a extensão universitária.



Fonte: Registro fotográfico dos autores, 2025.

Uma pasta foi criada para cada aluno, com um material personalizado, o qual guardava as fichas de aulas e as figuras da aula em específico (tudo grudado com velcro). Nesta pasta, os alunos poderiam olhar as atividades do dia, na ordem específica, tirando e guardando na própria pasta os pictogramas das atividades já realizadas, conforme mostrado na figura 2.

Figura 2 - Pasta criada para cada aluno, contendo a aula e as atividades do dia.



Fonte: Registro fotográfico dos autores, 2025.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversos alunos passaram conosco ao longo dos semestres, mas o Mateus (nome fictício) esteve no projeto desde o primeiro semestre, onde era o único aluno, e continuou por todo o período. Conseguimos ver muitas melhoras em seu desempenho físico e habilidades motoras, além de melhora da comunicação e socialização, conforme trazido pela família ao longo do projeto.

No geral, ele passou a confiar nos monitores e em seus movimentos, o que permitiu que ele expandisse seus estímulos motores e começasse a gostar de atividade física. A marcha, coordenação motora, equilíbrio e força foram algumas ações que tiveram diferenças significativas para o aluno e seus familiares ao longo do projeto.

Em geral, o projeto foi muito significativo para todos os monitores e alunos. Os estudantes da graduação conseguiram aprender através da teoria e prática no ensino de atividades físicas para alunos com deficiência, em especial o TEA e a Síndrome de Down, entendendo que cada aluno possui suas particularidades e potencialidades, sendo o dever dos professores explorar de forma positiva o interesse do aluno e quais habilidades serão desenvolvidas nas aulas.

REFERÊNCIAS BIBLIORÁFICAS

ALVES, Maria Luiza Teles; DUARTE, Eliane. A exclusão nas aulas de Educação Física: fatores associados com participação de alunos com deficiência. **Revista Movimento**, v. 19, n. 1, p. 117–137, jan./mar., 2013.

ALVES, Maria Luiza Teles; DUARTE, Eliane. O aluno com deficiência na aula de educação física: um olhar crítico sobre a inclusão. In: ALVES, Maria Luiza Teles; FIORINI, Maria Luiza S.; JÚNIOR, Renato V. **Educação física, diversidade e inclusão: debates e práticas possíveis na escola**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2019. p. 15–28.

ANTONARAKIS, Stylianos E. et al. Down syndrome. **Nature Reviews Disease Primers**, v. 6, n. 9, 2020.

CASTELLANI FILHO, Lino et al. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 2014.

CHICON, Júlio F. **Inclusão na educação física escolar: construindo caminhos**. 2005. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

COSTA, Fábio A. S. C.; ZANATA, Eliane M.; CAPELLINI, Valéria L. M. F. A educação infantil com foco na inclusão de alunos com TEA. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, v. 10, n. 21, p. 294–313, mai./ago., 2018.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

GOMES, M. S. P. et al. Ensino das lutas: dos princípios condicionais aos grupos situacionais. **Revista Movimento**, v. 16, n. 2, p. 207–227, 2010.

RANOYA, G. et al. Pictogramas na comunicação de espaços públicos: reflexões sobre o processo do design. **Revista Novos Olhares**, v. 1, n. 2, p. 7–21, 2012.

SCHLIEMANN, Aline L.; ALVES, Maria Luiza Teles; DUARTE, Eliane. Educação física inclusiva e autismo: perspectivas de pais, alunos, professores e seus desafios. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 34, p. 77–86, 2020.

SOBRE OS AUTORES

Mariana de Carvalho - Bacharela e licenciada em Educação Física pela Faculdade de Educação Física (FEF) - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestranda em Atividade Física Adaptada pela FEF - Unicamp. Professora da Escola Mais Inclusiva pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).

E-mail: m202967@dac.unicamp.br.

Pablo Henrique Carneiro de Matos Viana - Graduando em Educação Física (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Faixa preta e professor de Jiu-Jitsu na Unicamp.

E-mail: p249159@dac.unicamp.br.

Vívian Santos Xavier Silva - Graduanda em Educação Física (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Vice-coordenadora da Liga de Saúde da Família e Comunidade, da Unicamp. Representante discente do Departamento de Estudos da Atividade Física Adaptada, da Faculdade de Educação Física da Unicamp.

E-mail: v195476@dac.unicamp.br.

Beatriz Cuppi Machado - Bacharela e licenciada em Educação Física pela Faculdade de Educação Física (FEF) - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestranda em Atividade Física Adaptada pela FEF - Unicamp. Professora na Rede Municipal de Santa Bárbara d'Oeste.

E-mail: b231904@dac.unicamp.br.

Pedro André da Silva Lins - Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Pernambuco e bacharel em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Doutorando em Educação Física Adaptada pela Universidade Estadual de Campinas.

E-mail: p291200@dac.unicamp.br.

Maria Luiza Tanure Alves – Doutora em Atividade Física Adaptada (2013) pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Mestra em Atividade Física, Adaptação e Saúde (2009). Atualmente é professora e chefe do Departamento de Atividade Física Adaptada da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atua como coordenadora do Grupo de Pesquisa em Atividade Física Adaptada e Esporte Paralímpico, e coordenadora no Grupo de Estudos em Esporte, Mulher e Deficiência. Endereço para correspondência: Faculdade de Educação Física – Unicamp, Av. Érico Veríssimo, 701, Campinas/SP, 13083-851.

E-mail: tanure@unicamp.br.